Sucuri-verde

uma espécie de sucuri

Eunectes murinus, vulgarmente conhecida como **sucuri**, **sucuriú**, **sucuriju**, **sucuruju**, **sucurijuba**, **sucurujuba**, **boiaçu**, **boiguaçu**, **boiuçu**, **boioçu**, **boiçu**, **boiuna**, **boitiapoia**, **arigboia**, **anaconda** e **viborão**,[2] é a maior e mais conhecida das espécies existentes de sucuri. É encontrada na América do Sul, nas regiões alagadas, onde há presas em abundância, como jacarés e capivaras. Pode ultrapassar os cinco metros de comprimento e exceder os noventa quilogramas, porém seu tamanho médio é bem menor.[3]

Etimologia

Uma sucuri-verde no *campus* da Universidade Federal do Pará, no Brasil

Sucuri é um nome oriundo do tupi *sukuriju*, donde proveio também o nome alternativo do animal, sucuriju.[4] "Sucurijuba" e "sucurujuba" provêm do termo tupi para "sucuri amarela".[2] "Boiaçu", "boiguaçu", "boiuçu", "boioçu" e "boiçu" provêm da contração dos termos tupis *mboîa*, "cobra" e *gûasu*, "grande".[5][controverso] "Boiuna" provém do termo tupi para "cobra preta": *mboîuna*.[5] "Arigboia" possui origem tupi.[6] "Anaconda" é proveniente do tâmil *anai-kondra* ("matadora de elefante")[7] ou do cingalês හෙනකඳයා (*henakaňdayā*, "tronco relâmpago").[8][9] "Viborão" é o aumentativo de víbora.[10]

"*Eunectes*" vem do grego εὐνήκτης, significando "boa nadadora", enquanto "*murinus*" vem do latim e significa "dos ratos", por conta de seus hábitos alimentares.

Descrição

Os desenhos de seu corpo do pescoço até o rabo lembram a letra O. Sua face possui dois riscos laterais: um deles surge do olho e o outro, da parte de cima da cabeça.

É uma das maiores serpentes do mundo e a mais pesada existente, chegando aos 5,21 metros de comprimento e a uma massa de 97,5 kg,[3] embora normalmente não passe dos 3 metros. A maior sucuri-verde já mantida em cativeiro supostamente media 6,28 metros quando morreu em 1960 no Zoológico de Pittsburgh, e pesava mais de 90 kg.[11] Uma sucuri de 4,5 m teria aproximadamente o peso de uma píton-reticulada de 7,4 m.[12] Normalmente possuem uma

massa de 30-70 kg, porém não são raros os relatos de sucuris mais pesadas. Acredita-se que uma sucuri de 8 metros pesaria por volta de 200 kg.[11]

No Instituto Butantan, em São Paulo, há uma pele preservada de 10 m, que supostamente pertenceu à uma serpente de 7,6 metros.[11] Na Colômbia, em 1978, o herpetologista William W. Lamar teria encontrado um espécime de 7,5 m, cujas estimativas de peso variavam entre 136-180 kg.[13] Há também vários outros relatos não-confirmados de sucuris com tamanhos de 6 ou mais metros de comprimento, incluindo um suposto exemplar medido em 1962 que teria um comprimento de 8,46 metros.[11]

Comportamento

Geralmente, evitam contato com humanos e, quando se sentem ameaçadas, o mínimo que pode acontecer é reagir com uma mordida à pessoa. Extremamente raros são os casos de pessoas serem ingeridas, isso só acontece quando o animal está com muita fome. Vivem a maior parte do tempo submersas, pois na água é onde elas são mais rápidas, ficando mais fácil a captura dos alimentos.

Apesar de existirem muitas lendas sobre as anacondas, elas são animais lentos na terra, por isso elas podem ficar mais agressivas - por não ter muito refúgio, podem usar a agressividade como proteção. As principais defesas incluem dar botes para manter o agressor longe e proteger a própria cabeça enrolando o seu corpo em volta.

As anacondas, principalmente noturnas, tendem a passar a maior parte de suas vidas dentro ou

Sucuri

Ocorrência: Pleistoceno superior a Recente [1]

Eunectes murinus

Classificação científica

Reino:	Animalia
Filo:	Chordata
Classe:	Reptilia
Ordem:	Squamata
Subordem:	Serpentes
Família:	Boidae
Género:	*Eunectes*
Espécie:	***E. murinus***

Nome binomial

Eunectes murinus

(Linnaeus, 1758)

Distribuição geográfica

perto da água.[14]

Reprodução

Esta espécie é solitária até a época de acasalamento, que ocorre durante a estação chuvosa, e pode durar vários meses, geralmente de abril a maio. Durante este tempo, os machos devem encontrar as fêmeas. Normalmente, as cobras fêmeas deixam um rastro de feromônio para os machos seguirem, mas como os machos desta espécie rastreiam o cheiro de uma fêmea ainda não está claro. Outra possibilidade é que a fêmea libere um estimulante transportado pelo ar. Esta teoria é apoiada pela observação de fêmeas que permanecem imóveis, enquanto muitos machos se movem em direção a elas de todas as direções. As sucuris machos também frequentemente agitam a língua para detectar substâncias químicas que sinalizam a presença de uma fêmea.[15]

No entanto, quando não há sucuris machos disponíveis para fornecer descendentes, partenogênese facultativa é possível, havendo registros de ninhada homozigótica de fêmeas viáveis.[14]

Distribuição geográfica

São encontradas na América do Sul. No Brasil, podem ser encontradas sucuris em todas regiões, de norte a sul. Os maiores exemplares são encontrados na Amazônia, pois lá encontra-se o habitat perfeito para a sobrevivência desses animais.

Alimentação

As sucuris não são cobras peçonhentas, pois elas possuem dentição áglifa e matam suas presas por constrição, para depois engolir a presa por inteiro.

Costumam se alimentar de vários tipos diferentes de presas: peixes, aves, mamíferos variados (incluindo antas, cervos, capivaras e até mesmo suçuaranas[16][17][18]) e outros répteis (incluindo jacarés[19]). Às vezes podem inclusive cometer canibalismo.[20]

Comportamento predatório

Após a detecção de sua presa, a sucuri verde, submerge e tenta encurtar a distância, o máximo possível. Enquanto se aproxima, tenta enroscar a ponta de sua cauda em algum objeto, como por exemplo, rochas ou troncos submersos. Ao chegar a uma distância ideal, emerge rapidamente em um bote, quase sempre, preciso puxando a presa para dentro da água. Enquanto inicia a constrição, a sucuri verde, tenta posicionar e manter a presa alocada de

cabeça para baixo dentro da água, levando-a ao afogamento. Após a morte, a serpente pode ou não emergir para respirar antes de começar a devorar a presa. A ponta de sua cauda permanece presa a algum objeto podendo trocar de objeto rapidamente, caso necessário, enquanto a presa é mantida na mesma posição. Por fim, a sucuri verde, da início a deglutição de sua presa, abocanhando sua cabeça e a engolindo até que seja completamente devorada.[21]

Referências

1. *Hsiou, Annie; Winck, Gisele; Schubert, Blaine; dos Santos Avilla, Leonardo (2013). «On the presence of Eunectes murinus (Squamata, Serpentes) from the Late Pleistocene of Northern Brazil» (https://www.researchgate.net/publication/256868209_ON_THE_PRESENCE_OF_EUNECTES_MURINUS_SQUAMATA_SERPENTES_FROM_THE_LATE_PLEISTOCENE_OF_NORTHERN_BRAZIL) . ResearchGate*
2. FERREIRA, A. B. H. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Segunda edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. p. 1.625
3. *Rivas, Jesús Antonio (2000). The life history of the green anaconda (Eunectes murinus), with emphasis on its reproductive Biology (PDF) (Ph.D. thesis). University of Tennessee. [S.l.: s.n.] 2000*
4. NAVARRO, E. *Dicionário de Tupi Antigo: a língua indígena clássica do Brasil*. Editora Global, 2013
5. [1] (http://www.fflch.usp.br/dlcv/tupi/vocabulario.htm)
6. FERREIRA, A. B. H. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Segunda edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. p.163
7. FERREIRA, A. B. H. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Segunda edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. p.112
8. *Skeat, Walter W. (Walter William) (1911). A concise etymological dictionary of the English language (http://archive.org/details/conciseetymologi00skea) . [S.l.]: Oxford : Clarendon Press*
9. *Robarts - University of Toronto. Notes and queries (http://archive.org/details/s8notesqueries12londuoft) . [S.l.]: London [etc.] Oxford University Press [etc.]*
10. FERREIRA, A. B. H. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Segunda edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. p.1 773
11. *Wood, Gerald (1983). The Guinness Book of Animal Facts and Feats. ISBN 978-0-85112-235-9. [S.l.: s.n.]*
12. Mark O'Shea, *Boas and Pythons of the World*, página 55.

13. *Murphy JC, Henderson RW. 1997. Tales of Giant Snakes: A Historical Natural History of Anacondas and Pythons. Krieger Pub. Co. 221 pp. ISBN 0-89464-995-7. [S.l.: s.n.]*
14. Abrahão-Charles, H. & Lamonica-Charles, R. C. As serpentes mais famosas do mundo: catálogo ilustrado. (2021). 253 pp. IBSN **979-8784376053**
15. *Burton, Maurice; Burton, Robert (2002). International Wildlife Encyclopedia.* ***1****. New York: Cavendish Square. 44 páginas. ISBN 0761472665. International wildlife encyclopedia* (https://archive.org/details/internationalwil01burt0) (em inglês) no Internet Archive.
16. *«Sucuri de 4 m engole onça adulta após briga; registro é inédito, diz estudo» (http://g1.globo.com/sp/bauru-marilia/noticia/2016/08/sucuri-de-4m-engole-onca-adulta-apos-briga-registro-e-inedito-diz-estudo.html) . 13 de agosto de 2016. Consultado em 8 de abril de 2017*
17. *«Anaconda engole onça parda e é encontrada quase morta em São Paulo» (http://www.alagoas24horas.com.br/995764/anaconda-engole-onca-parda-e-e-encontrada-quase-morta-em-sao-paulo/) . 17 de agosto de 2016. Consultado em 8 de abril de 2017*
18. *«Conheça a anaconda, uma das maiores cobras do mundo» (https://www.nationalgeographicbrasil.com/video/tv/conheca-anaconda-uma-das-maiores-cobras-do-mundo) . Conheça a anaconda, uma das maiores cobras do mundo | National Geographic. 19 de outubro de 2018*
19. *«Biólogos criticam naturalista que deixou sucuri engoli-lo» (http://exame.abril.com.br/ciencia/naturalista-se-deixa-engolir-por-sucuri-em-programa-de-tv/) . 14 de novembro de 2014. Consultado em 8 de abril de 2017*
20. *Eunectes murinus (Green Anaconda): Cannibalism at Prodigy. [S.l.: s.n.]*
21. *Henrique Abrahão Charles (Março de 2007). Comportamento predatório de serpentes Boidae de diferentes hábitos e biometria de Eunectes murinus Linnaeus, 1758 em laboratório. (Tese). UFRRJ, instituto de biologia. p. 41*

Ligações externas

- *«LAMONICA, R. C.; ABRAHAO-CHARLES, H.; LOGUERCIO, M. F. C. & ROCHA-BARBOSA, O. Growth, shedding and food intake in captive Eunectes murinus (Linnaeus, 1758) (Serpentes: Boidae). Int. J. Morphol., 25(1):103-108, 2007.» (http://www.scielo.cl/pdf/ijmorphol/v25n1/art14.pdf)* *(PDF)*